A INDEPENDÊNCIA DO BRASIL
em quadrinhos
EDIÇÃO
PRÉ-COMEMORATIVA
DO
SESQUICENTENÁRIO
DA INDEPENDÊNCIA
1822 — 1972

Quadrinização: Pedro Anísio
Desenhos de texto e capa: Eugênio Colonnese

Rua Gen. Almério de Moura, 302-320
Rio de Janeiro — Guanabara (ZC-08)

A INDEPENDÊNCIA DO BRASIL

EM QUADRINHOS

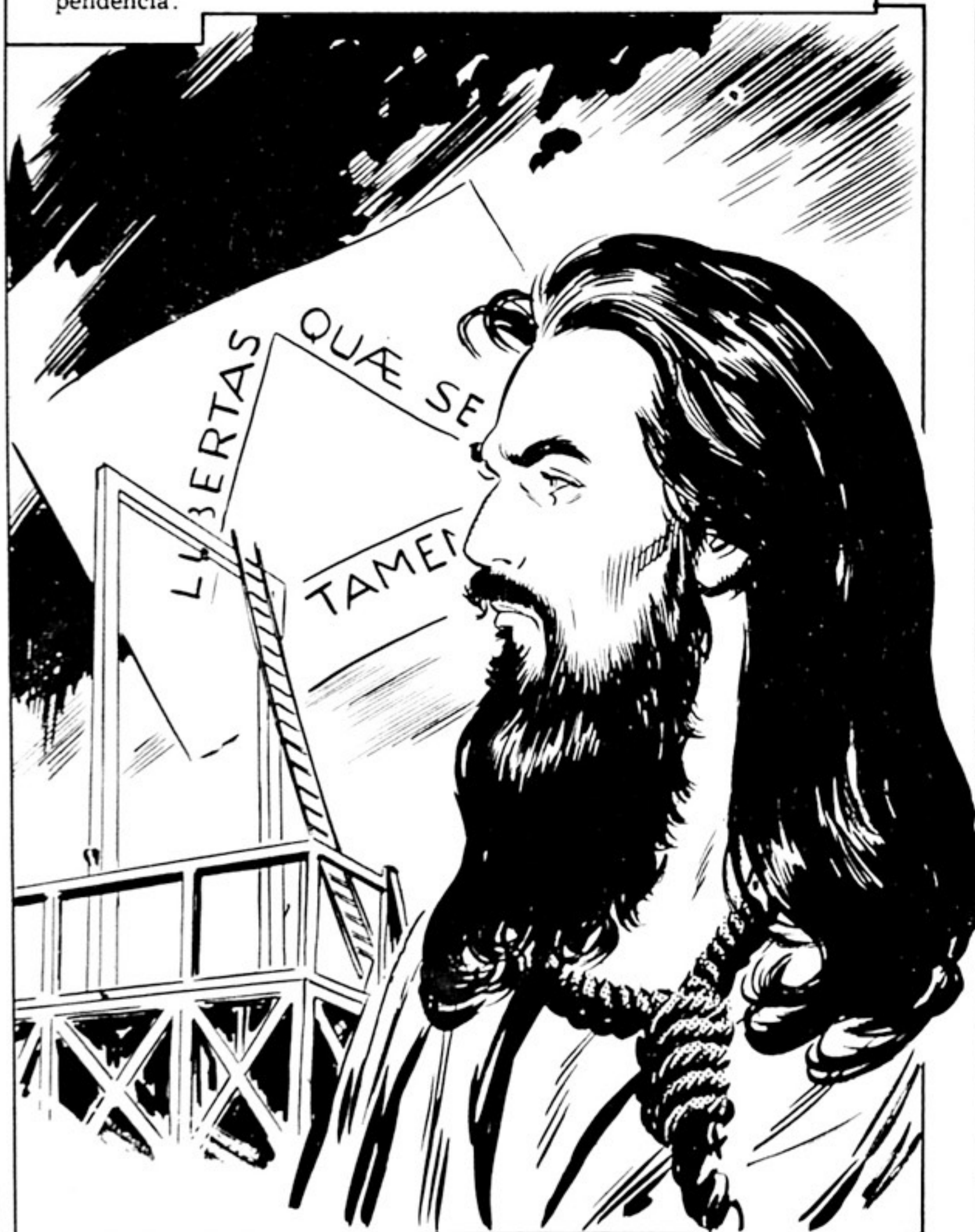
Índios, brancos e negros demonstram seu amor à Pátria e o desejo de vê-la unida e sòmente sua, lançando-se na luta pela expulsão dos invasores.

A Insurreição Pernambucana, em 1645, contra os holandeses, é bem o símbolo do congraçamento dos vários sangues para o ideal comum. O negro Henrique Dias, o nobre paraibano André Vidal de Negreiros, o índio Poti (que se chamou cristãmente Antônio Filipe Camarão) e o branco Fernandes Vieira reuniram-se para formar o Grupo dos Independentes, sob a divisa de "Deus e a Liberdade". Já aí, a palavra *liberdade* vibrava no coração da Raça.

A História da Independência do Brasil, cujo herói principal foi D. Pedro I, é uma espetacular aventura que começa quando a Raça Brasileira toma, aos poucos, consciência de sua formação.

E a liberdade viria a se ampliar ainda mais com o correr dos tempos, já então com os próprios filhos da terra brasileira ansiando livrá-la de qualquer jugo. O senhor de engenho Manuel Beckman (que o povo apelidou de Bequimão), em 1684, no Maranhão, rebelava-se contra as decisões da Coroa Portuguêsa.

Em São Paulo, estourava a Guerra dos Emboabas, entre paulistas e reinóis, nos princípios do século XVIII. O Norte voltou a revolucionar-se com a Guerra dos Mascates, onde o povo de Recife arrancou o pelourinho — símbolo da autoridade real lusitana — e pensou em proclamar a República sob o govêrno dos naturais da terra.

E a idéia da República ressurgiu em Minas, em 1720, pela qual foi sacrificado Filipe dos Santos, ferido e esquartejado tal qual viria a ser Tiradentes, setenta e dois anos depois, pela mesma causa da liberdade. Fermentava, assim, cada vez mais, o ideal da Independência.

Na Bahia, em 1798, houve a "conspiração dos alfaiates" para a fundação da República Baiense, sendo seus mártires quatro humildes artesãos.

Com a chegada de D. João VI ao Brasil, em 1808, o País foi elevado à condição de Reino Unido a Portugal. Era o fim da Colônia, e o começo de uma época de acontecimentos decisivos para a libertação nacional.

Quando, no dia 8 de março de 1808, o Príncipe-Regente D. João chegou com tôda a Côrte Portuguêsa ao Rio de Janeiro, com êle veio um menino de nove anos de idade, seu filho...
De agora em diante, Pedro, viveremos nesta terra, que é a tua nova Pátria...

Foram morar no Paço, naquele edifício da Praça 15 de Novembro, onde funcionam, agora, dependências dos Correios e Telégrafos. Das janelas, o garôto via o largo...
Lá estão os escravos apanhando água no chafariz... E quantos barcos há no cais e na baía...

Era, decerto, uma vida monótona para o menino travêsso, turbulento, que ansiava por espaço maior para suas tropelias. Mas não demorou muito e êle teve o que tanto desejava. Um rico negociante, Elias Lopes, deu de presente à família real um esplêndido palácio que mandara construir em São Cristóvão, no meio de uma quinta belíssima...
...a Quinta da Boa Vista.

Aqui, poderás brincar à vontade, meu filho...

E, na verdade, o pequeno Príncipe pôde dar largas ao seu espírito infantil, correndo pelos bosques da Quinta, subindo nos cajueiros e encarapitando-se nas mangueiras...
Apanhe esta, que está madura!

...metendo-se em aventuras junto com os negrinhos, filhos dos escravos...
Vamos até à praia ver os pescadores?
Vamos!

No Palácio, ficavam alarmados à procura de Pedrinho. Aias e pajens faziam queixas a D. João...
Alteza! O menino desapareceu!
Senhor, êle deve estar metido com os moleques da Quinta!
Não se pode vigiá-lo! Êle nos cega e, de repente, some!

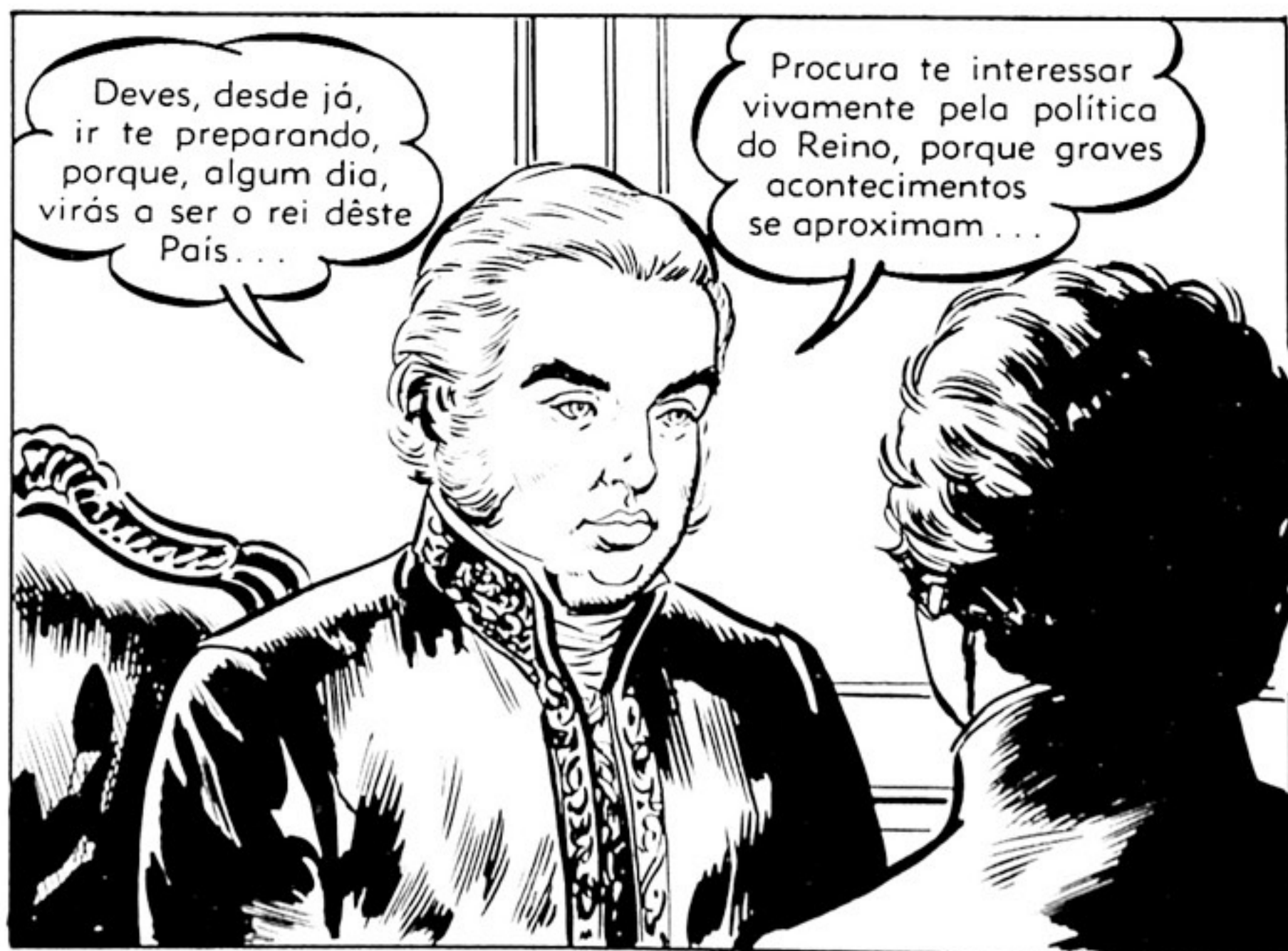
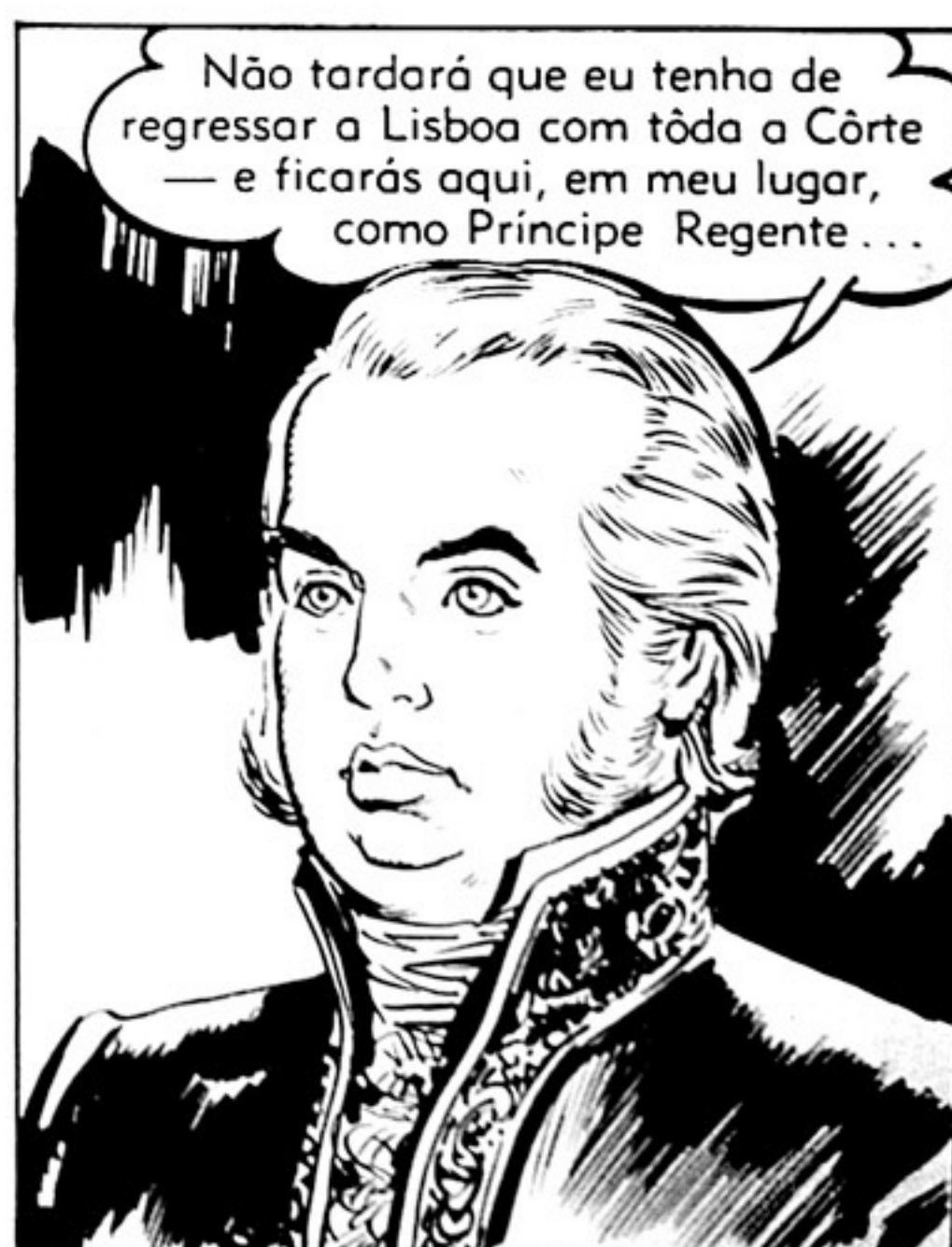
D. João inquietava-se...
Falarei com êle, depois. Preciso ouvir as notícias...
Príncipe, ouça o que diz êste jornal de Londres sôbre Napoleão...

E o menino continuava em sua vadiagem...
Vamos ver quem chega primeiro ao lago?
Vamos!

Não quer isto dizer que êle não estudasse. Estudava bastante, era inteligente; os mestres não podiam se queixar de sua aplicação...
Quem foi Alexandre Magno?
Alexandre Magno foi rei da Macedônia, nasceu no ano 356 antes de Cristo e morreu com trinta e três anos de idade. Criou o maior Império do mundo antigo, unindo o Oriente ao Ocidente!

Mas, nas horas de folga, aproveitava bem os tempos ditosos de sua infância, "ia colhêr as pitangas, trepava a tirar as mangas, brincava à beira do mar"...
Meu castelo de areia vai ser igual ao do Rei Artur e dos Cavaleiros da Távola Redonda...

E assim cresceu em liberdade, com um impetuoso espírito de aventura, esquecendo-se de que era um príncipe real da Casa de Portugal. Gostava de se misturar com o povo e fazia serenatas para as lindas carioquinhas do tempo, escondidas por detrás das venezianas...

Tinha dezessete anos, quando sua avó, D. Maria I, Rainha de Portugal, morreu, e seu pai foi coroado Rei, com o título de D. João VI.

A tudo D. Pedro ouvia em silêncio. Por fim, o pai lhe disse...
Um Príncipe Regente não pode viver só.

Que quer dizer, meu pai?
Quero dizer que precisas te casar!

Com quem? Acaso o senhor já escolheu espôsa para mim?
É do interêsse da Coroa que te cases com uma dama da alta nobreza européia, para que Portugal se alie a outro reino poderoso...

E quem será ela?
Enviarei instruções ao Marquês de Marialva, nosso encarregado de Negócios na França. Êle deverá ir a Viena, pedir a mão de uma arquiduquesa da Áustria para tua espôsa...

Porque uma princesa austríaca?
Porque é do interêsse do Reino a união com a Casa da Áustria...

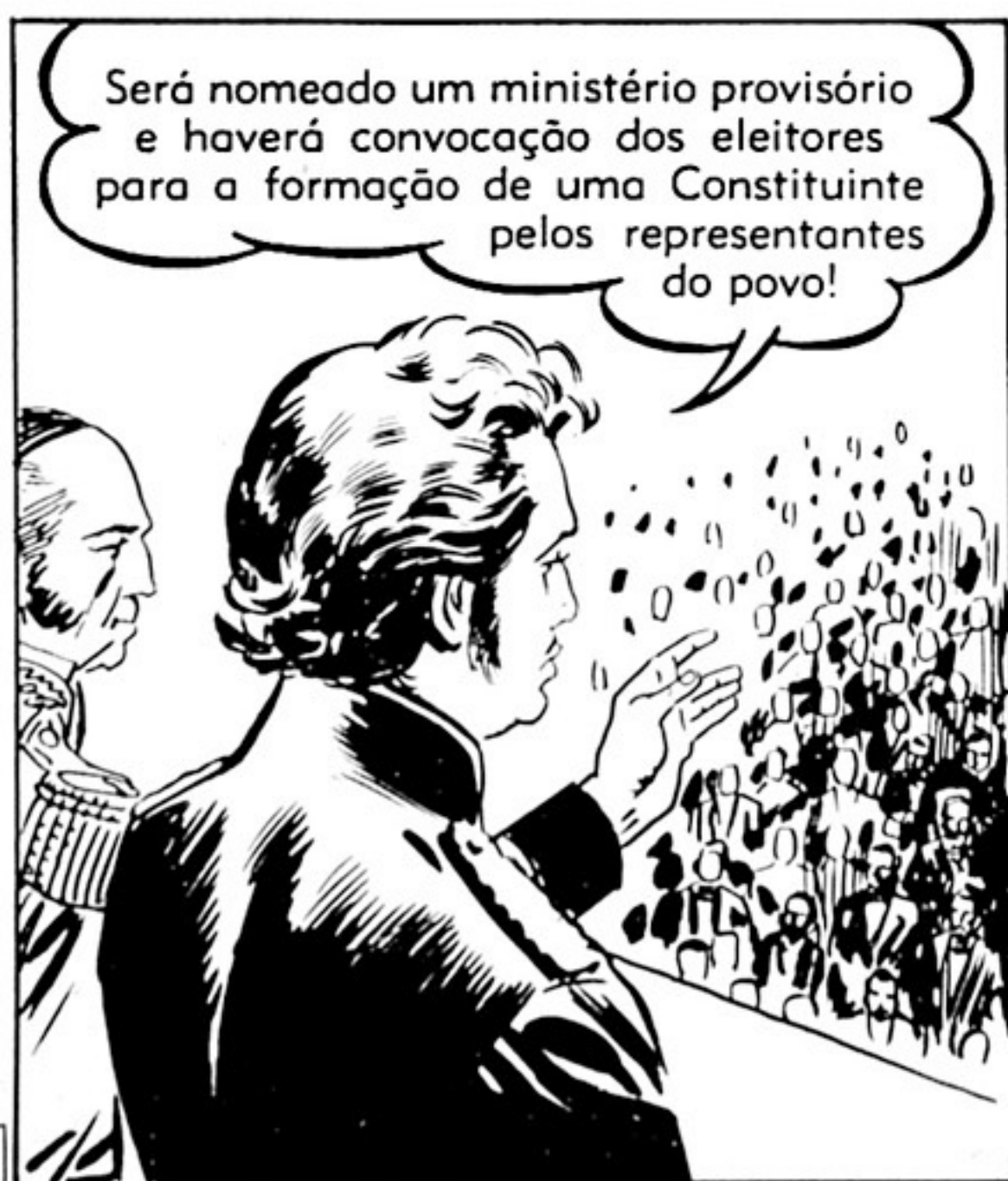
Assim foi que, em 1817, o Marquês de Marialva apresentou-se com esplendor na Côrte do Imperador Francisco II, em Viena e...
Venho em nome de Sua Majestade Dom João VI, pedir-vos a mão da Arquiduquesa Maria Leopoldina Carolina Josefa Francisca Fernanda Beatriz...
...para o Príncipe Dom Pedro de Alcântara Francisco Antônio João Carlos Xavier de Paula Miguel Rafael Joaquim José Gonzaga Pascoal Cipriano Serafim de Bragança, e Bourbon, herdeiro do trono de Portugal e Brasil.

Mas a nossa futura primeira Imperatriz não pôde partir logo para o Brasil. O País estava convulsionado. Estourara uma revolução em Pernambuco, de brasileiros contra portuguêses, alastrando-se por todo o Nordeste. Era o prenúncio da Independência que viria cinco anos depois...

Em Pernambuco, os brasileiros se rebelaram, e o Governador Caetano Pinto Miranda Montenegro capitulou, Majestade...

Sei... sei... Chegaram a proclamar uma república, e formaram um govêrno provisório, com o Capitão Domingos Teotônio, o Padre João Ribeiro, o Padre Miguelinho e mais outros...

A revolta de 1817 foi debelada, e D. Leopoldina pôde viajar ao encontro do real espôso. D. Pedro tinha dezoito anos de idade quando se casou. Deixara de ser o jovem estouvado, para se tornar môço consciente do grande papel que lhe cabia na história de um povo...

Os momentos decisivos não se fizeram esperar. Em Portugal, depois da expulsão das tropas de Napoleão, o povo exigiu um nôvo regime. Em 1820, em vez de reinado absoluto, Portugal tornou-se Monarquia Constitucional, e tanto as guarnições portuguêsas como o próprio povo começaram a exigir também uma Constituição para o Brasil. A 26 de fevereiro de 1821, no Rio...

Uma aclamação vibrante percorreu tôdas as tropas acampadas no Rossio, ao mesmo tempo que o povo se entregava a enorme júbilo. Uma Constituição própria para o Brasil, mesmo continuando êle unido ao Reino de Portugal, significava autonomia para a Nação.

Para D. Pedro, o episódio representava o seu batismo nas lutas políticas da Pátria adotiva. Poucos dias depois, D. João VI declarava ao filho...

Portanto, aconselho-te a que, chegado o momento, tu mesmo, Pedro, ponhas a coroa em tua cabeça antes que algum aventureiro dela se aposse...

Começaram os preparativos para o regresso da Côrte — um êxodo fabuloso: cêrca de quatro mil pessoas levando consigo tudo o que tinham...
Nas vésperas da partida, D. João VI proclamou D. Pedro Príncipe Regente. Logo êle teve de agir, quando, no dia 21 de abril de 1821, o povo reuniu-se em tumulto no edifício da Praça do Comércio, exigindo a imediata convocação da Assembléia Constituinte.

Êsse edifício da antiga Praça do Comércio, vocês ainda podem vê-lo tal qual era na época, restaurado e considerado Patrimônio Histórico. Nêle, por muito tempo, funcionou a Alfândega e, atualmente, ali está o 2.º Tribunal do Júri do Rio de Janeiro, perto da Igreja da Candelária.

Com tal atitude, o Príncipe impunha pela primeira vez sua autoridade e tomava nas mãos as rédeas dos acontecimentos...

Amo o povo, meu pai, mas não consentirei que me ameacem!

Pelo que fizeste, Pedro, vejo que terás pulso para governar.

Cinco dias depois, a 26 de abril de 1821, D. João VI despedia-se do filho e embarcava de volta para Portugal...

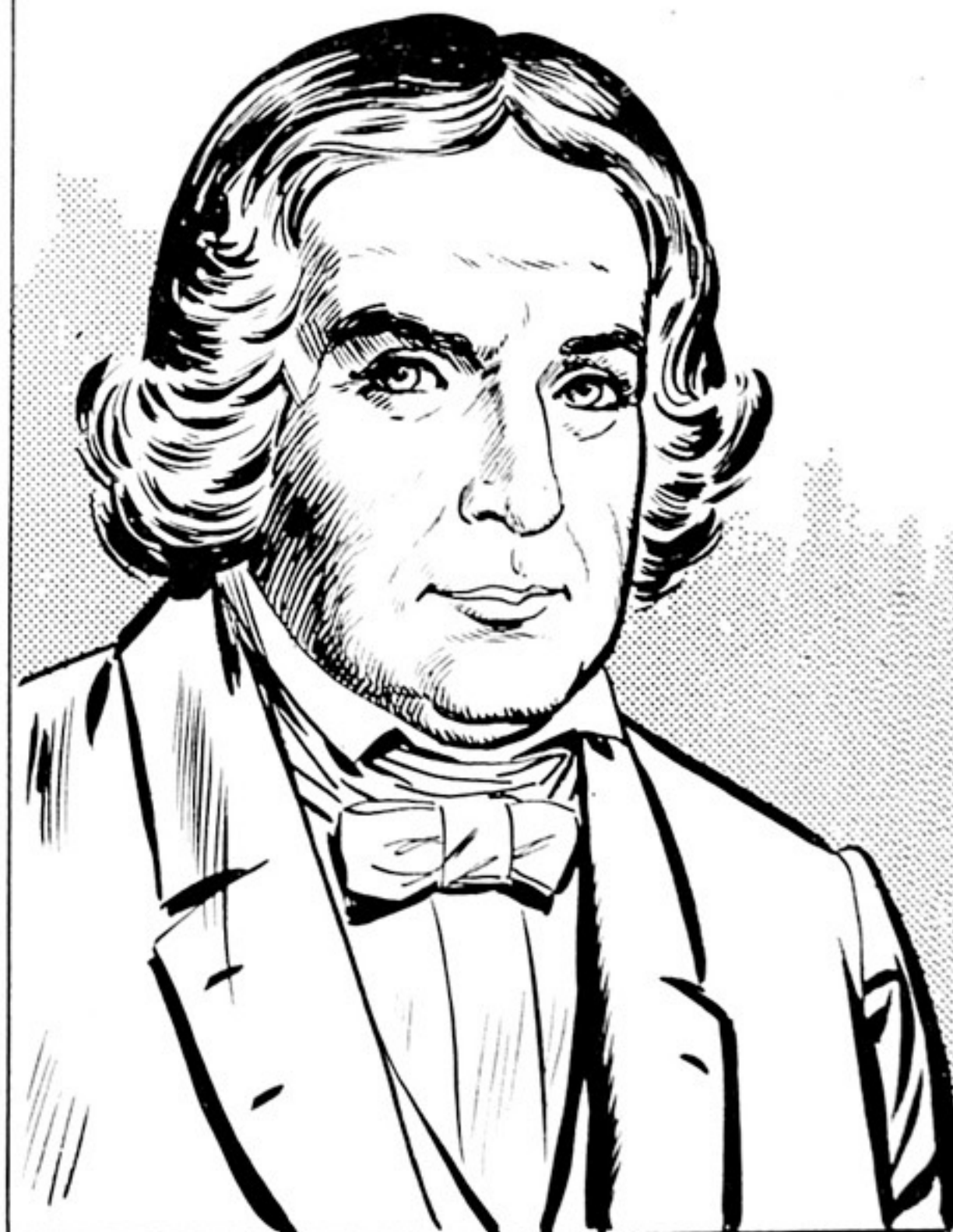
Que Deus te proteja, meu filho. E lembra-te do meu conselho: se alguém tiver que ser o Rei do Brasil, que seja teu o trono...

D. João VI regressava a Portugal depois de, durante treze anos, ter dado ao Brasil um extraordinário desenvolvimento em todos os setores de sua vida política, social, econômica, artística e cultural. Foi um grande rei.

Uma das primeiras medidas de D. Pedro foi a de suspender a censura e o monopólio da Imprensa Régia, o que possibilitou o aparecimento de panfletos e jornais nacionalistas. O mais importante dêles foi o *Revérbero Constitucional Fluminense*, de José Gonçalves Lêdo e Padre Januário da Cunha Barbosa...

Gonçalves Lêdo fala às claras... Quer logo a independência.

E isto não vai demorar muito, tu verás...

Enquanto isso, no cenário político do Brasil, surgia uma figura extraordinária — José Bonifácio de Andrada e Silva.

Em São Paulo, os ânimos estavam exaltados e José Bonifácio procurou unir tôdas as correntes patrióticas em tôrno de um só ideal...

Senhores, neste momento é preciso que apoiemos o Príncipe Dom Pedro. Êle deseja a completa autonomia do Brasil!

Lá em Portugal, a repercussão dos movimentos libertários e o prestígio que lhes dava o Príncipe Regente levaram as Côrtes a uma reação...
O Brasil pretende colocar-se acima das nossas leis!
Devemos fazê-lo voltar ao seu estado simples de colônia portuguêsa!

O Príncipe Regente é o primeiro a se insubordinar contra a Metrópole!
Revoguemos os podêres que lhe foram dados por Dom João VI e ordenemos que Dom Pedro venha para Portugal!

Os ministros da Coroa falaram com D. João VI, que lhes disse...
Confesso; senhores, achar uma temeridade tentar-se fazer do Brasil novamente uma colônia, depois que foi elevado à condição de Reino Unido a Portugal...

Isto fatalmente levantaria todo o País contra nós, numa guerra...
Uma guerra que certamente seria conduzida por vosso próprio filho, Majestade...

O povo do Brasil ama o Príncipe Regente...
Mas êsse estado de coisas não pode continuar, Majestade! Ordenai que Dom Pedro venha para Lisboa!

A pretexto de quê? Não podemos ordenar que o Príncipe deixe o Brasil alegando motivos políticos! Isto também revoltaria o povo.
Então, que êle venha para completar seus estudos...

Uma carta foi enviada a D. Pedro. O pai dizia-lhe que se tornava imperiosa sua viagem para Portugal, a fim de completar a educação...

Dona Leopoldina tinha razão. Logo que a notícia da ida do Príncipe para Portugal foi divulgada, levantou-se um clamor público em todo o País. Em São Paulo, José Bonifácio afirmava...

Em Minas, o movimento teve a mesma repercussão, enquanto que, no Rio de Janeiro, o povo e os políticos exigiam a permanência de D. Pedro no Brasil. E, no dia 9 de janeiro de 1822, José Clemente Pereira, Presidente do Senado da Câmara do Rio de Janeiro, entregou a D. Pedro uma representação redigida por um grande sacerdote patriota — Frei Francisco de Sampaio...

E a Divisão Auxiliadora ocupou o morro do Castelo, ameaçando a cidade, caso D. Pedro não embarcasse imediatamente para Lisboa.

Mas o Príncipe não se intimidou. Pediu ajuda aos regimentos formados por brasileiros, comandados pelo **General Joaquim Xavier Curado**. Logo uma grande fôrça de soldados e muitos civis, reuniu-se no Campo de Sant'Ana (hoje Praça da República)...

Marcharam para o morro, cercando-o completamente. Vendo que não poderia vencer a luta, o General Avilez entregou-se...

Rendo-me!

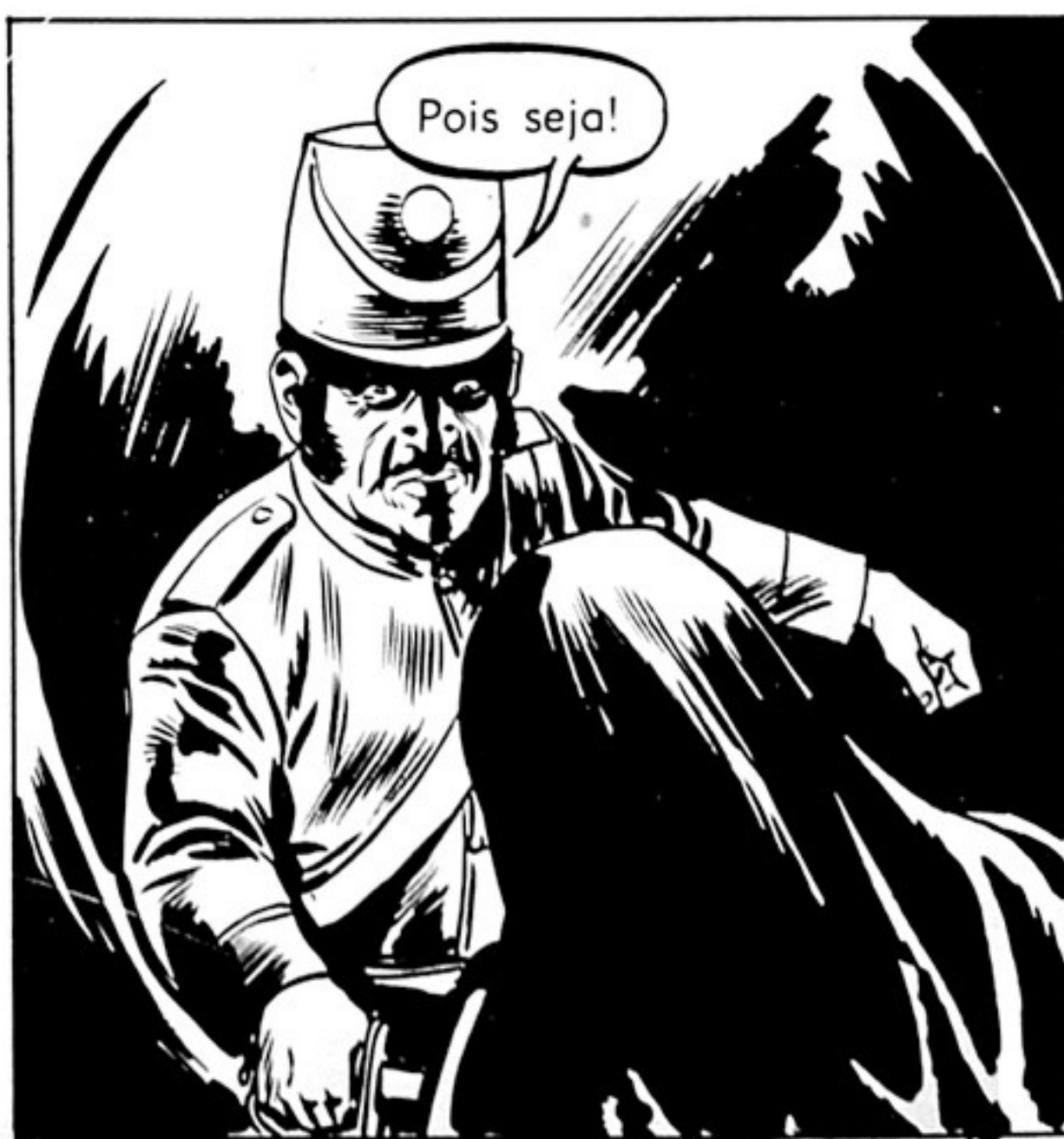
Era a primeira vitória de alta significação do Príncipe contra as Côrtes portuguêsas. Para que essa vitória fôsse mais expressiva, D. Pedro ordenou...

Mas não foi apenas no Rio que as tropas portuguêsas rebelaram-se contra o Príncipe. Na Bahia, também os soldados do Brigadeiro Inácio Luís Madeira de Melo demonstraram seu desagrado, provocando motins de rua...

No dia 19 de fevereiro de 1822, investiram contra o Convento de Nossa Senhora Conceição da Lapa, em Salvador, derrubando os portões.

As freiras, apavoradas com o que acontecia, rodearam a abadessa, Soror Joana Angélica...

Prostaram-se, rezando, enquanto ouviam as machadadas nas portas e o alarido da soldadesca desenfreada...

Por fim, as portas foram derrubadas e os soldados enfurecidos entraram no convento. Mas, no limiar encontraram Soror Angélica, de braços abertos, impedindo-lhes a passagem...

E o soldado traspassou, com a espada, o coração de Soror Angélica, que rolou agonizante, na entrada do Convento. Com a fúria dos soldados portuguêses contra os patriotas, as famílias de Salvador procuraram refúgio nas aldeias vizinhas e na região chamada Recôncavo Baiano.

Enquanto isso, no Rio, D. Pedro organizava um Ministério de brasileiros ilustres, convidando José Bonifácio para Ministro do Reino e dos Estrangeiros. Uma das primeiras medidas aconselhadas por José Bonifácio era uma luva de desafio lançada a Portugal...

O Decreto foi assinado a 4 de maio de 1822. Era o mesmo que tornar o Brasil completamente autônomo. D. João VI apressou-se a escrever ao filho, criticando sua atitude de insubmissão. O Príncipe respondeu-lhe: disse que não mais poderia deter o movimento de emancipação no Brasil, acrescentando...

Eu ainda me lembro e me
lembrarei sempre do que Vossa
Majestade me disse, antes de pa
tir dois dias no seu quarto:
Pedro, se o Brasil se separ
antes seja para ti, que me
hás de respeitar, do que para
algum dêsses aventureiros.
Foi chegado o momento da
quase separação, e estribad
nas eloqüentes e singela
palavras expressadas po
Vossa Majestade, tendo
marchado adiante do Br

A essa época, D. Pedro recebia a notícia da revolta dos portuguêses na Bahia e do assassinato de Soror Joana Angélica. Indignado, o Príncipe não se conteve...

Vou expulsá-los do Brasil!

No dia 15 de junho, D. Pedro enviou uma carta ao General Madeira de Melo, condenando a infâmia e ordenando-lhe que embarcasse com suas tropas de volta para Portugal. Ao mesmo tempo, dirigiu uma proclamação aos baianos: todos êles deveriam ligar-se aos demais brasileiros, do Norte e do Sul, para auxiliá-lo na grandeza do Brasil.

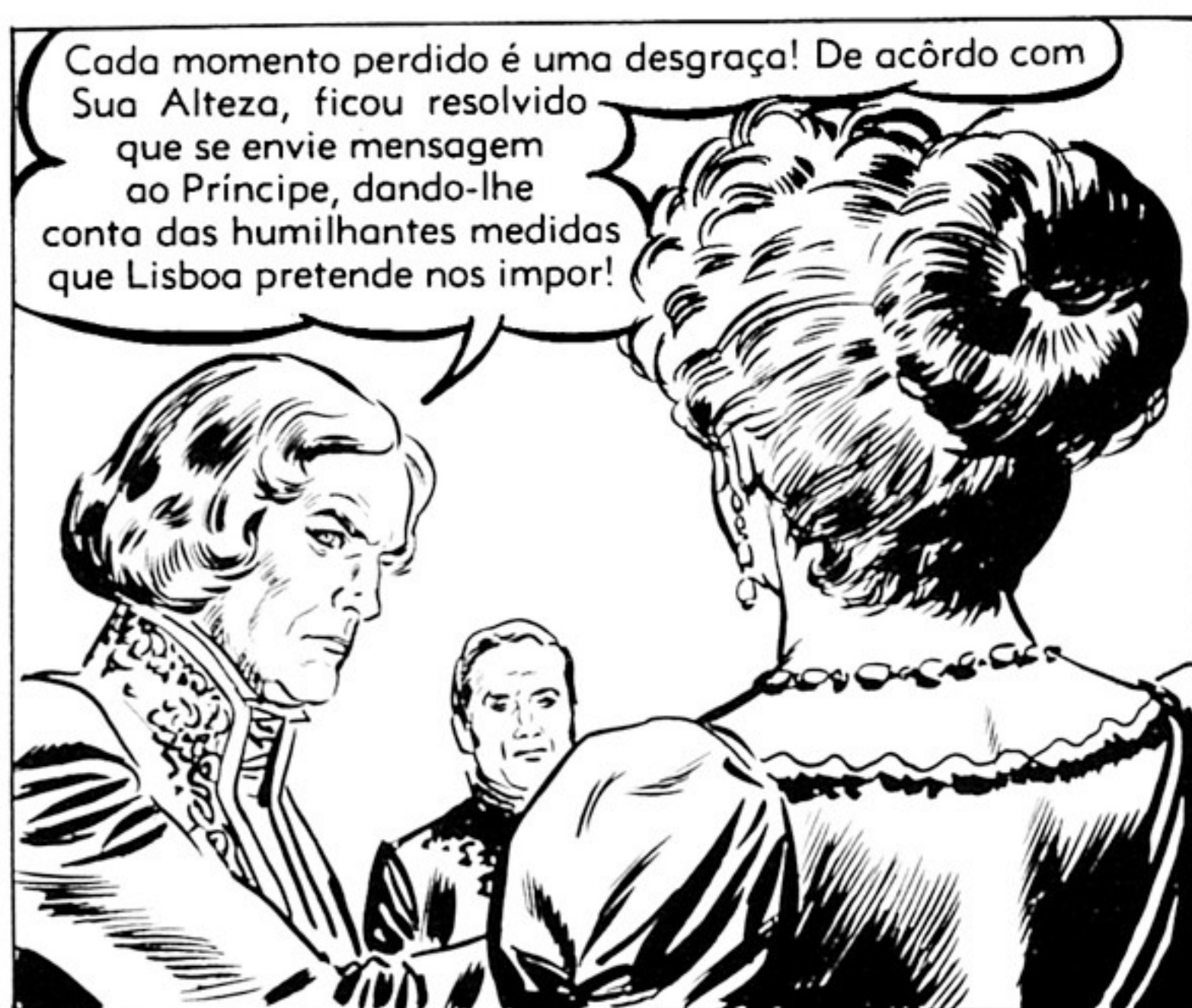
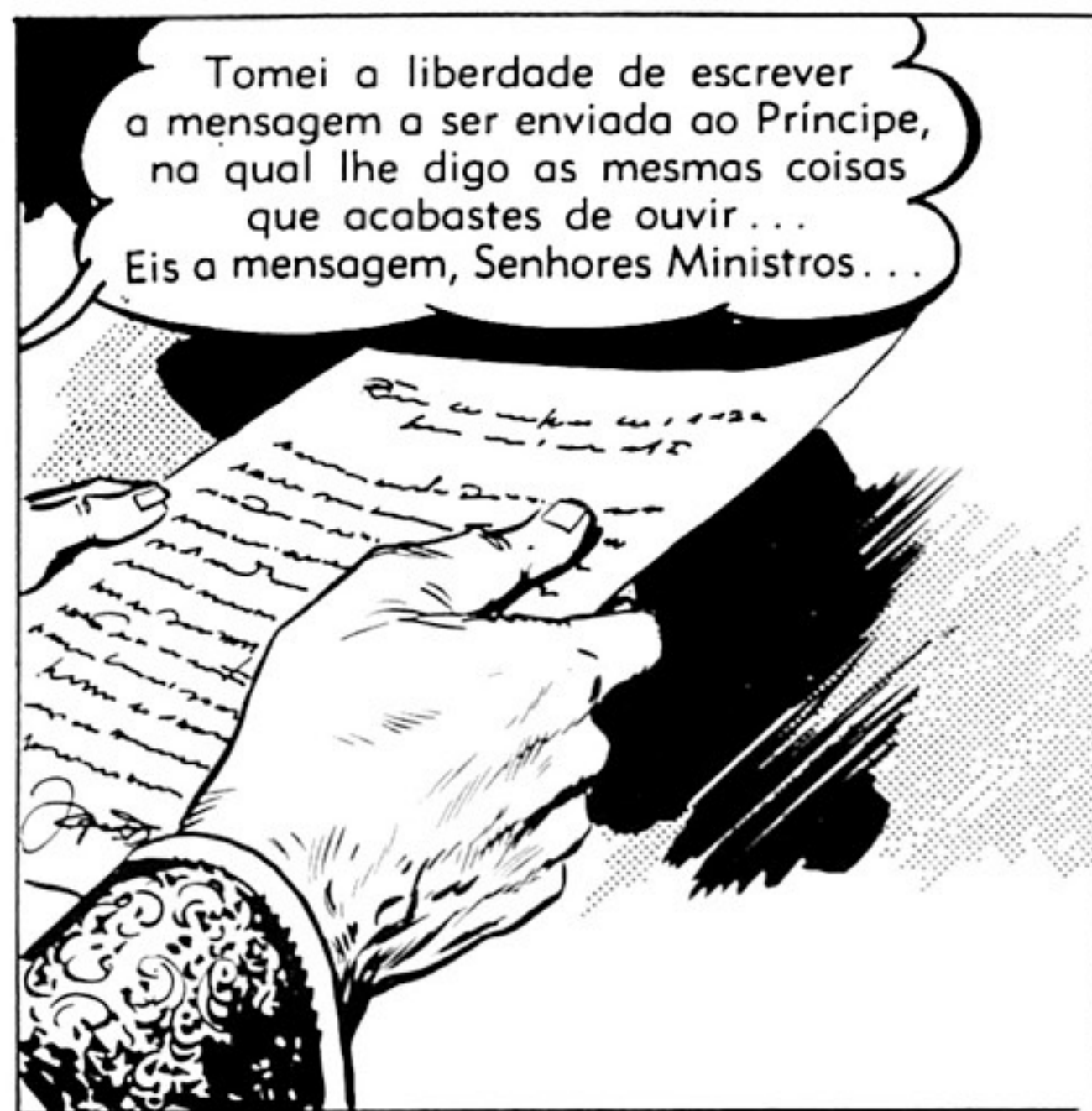
Em Lisboa, os acontecimentos do Brasil ecoavam fortemente e foi decidido o envio de tropas para auxiliar o General Madeira de Melo, na Bahia. Por seu lado, D. Pedro tomava providências...

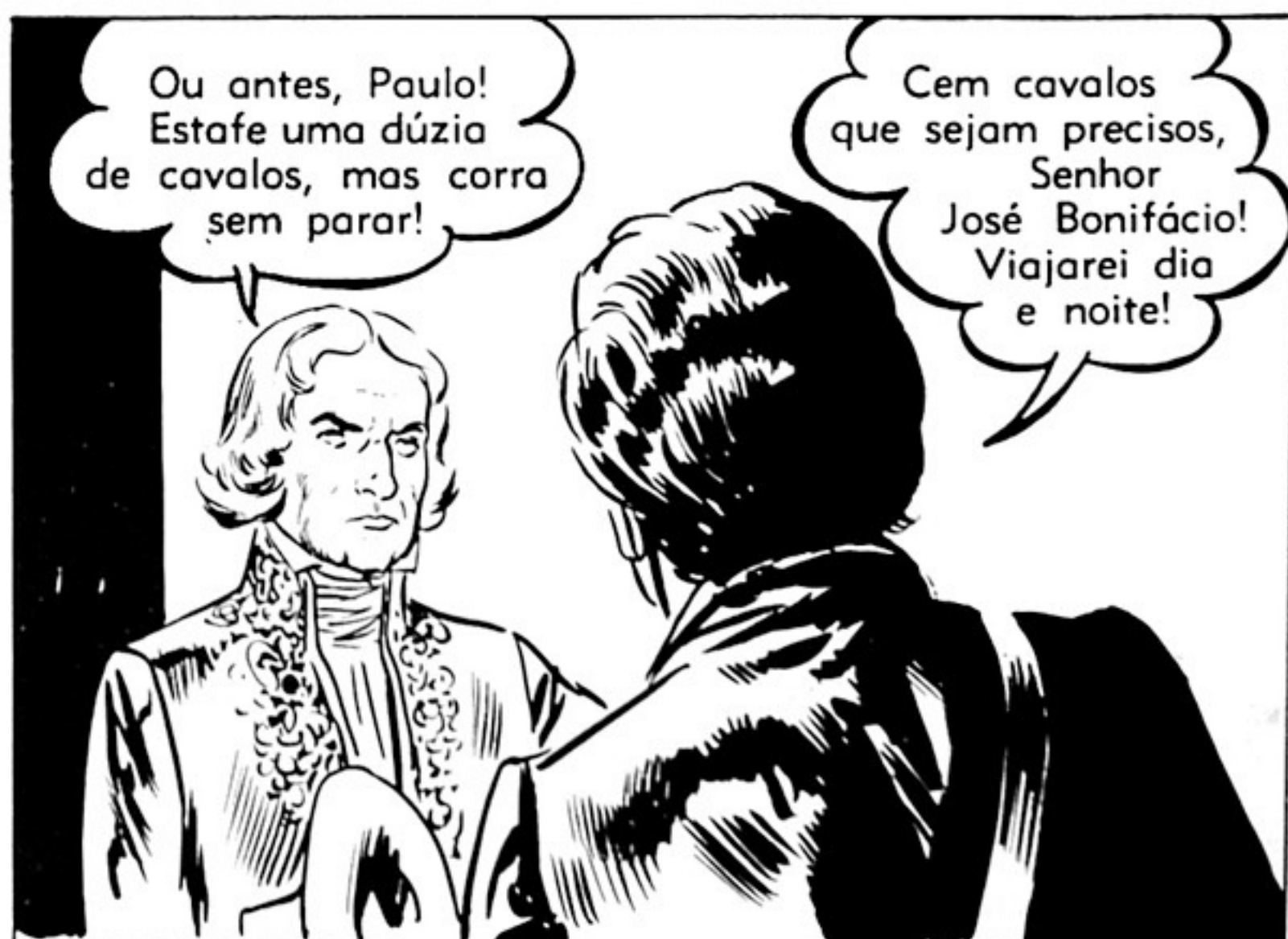
A Fôrça (quatro embarcações chefiadas pelo Comandante Rodrigo Antônio de Lamare) embarcou do Rio para a Bahia.

Entretanto, o General Madeira enviara vários navios de guerra contra a frota conduzindo a fôrça expedicionária. Esta foi obrigada a escapar, desembarcando em Alagoas. Ao mesmo tempo, as tropas mandadas de Lisboa chegavam a Salvador. A situação era crítica, piorando ainda mais quando as Côrtes (nome dado à Assembléia Portuguêsa) resolveram agir mais fortemente contra D. Pedro. Ministros falaram ao Rei...

Os decretos nesse sentido foram assinados por D. João VI, que os enviou junto com mensagem ameaçadora ao filho. Enquanto isso, no Brasil, havia inquietações nas Províncias de Minas e São Paulo. José Bonifácio aconselhou a D. Pedro...

A Metrópole quer nos reduzir novamente à condição de Colônia, o que é um absurdo e um insulto!

É chegada a hora de escolhermos entre a volta à escravidão... ou a liberdade! O Príncipe se acha em São Paulo, mas é necessário que volte imediatamente e tome uma decisão!

Cada momento perdido é uma desgraça! De acôrdo com Sua Alteza, ficou resolvido que se envie mensagem ao Príncipe, dando-lhe conta das humilhantes medidas que Lisboa pretende nos impor!

Tomei a liberdade de escrever a mensagem a ser enviada ao Príncipe, na qual lhe digo as mesmas coisas que acabastes de ouvir... Eis a mensagem, Senhores Ministros...

Lida a mensagem, foi chamado o Correio do Paço, Paulo Bregaro, para levar a importantíssima correspondência a D. Pedro...
Não perca tempo, Paulo Bregaro! Destas mensagens depende o destino de nossa terra!
Em menos de seis dias o Príncipe as receberá, Senhor Ministro!

Ou antes, Paulo! Estafe uma dúzia de cavalos, mas corra sem parar!
Cem cavalos que sejam precisos, Senhor José Bonifácio! Viajarei dia e noite!
E Paulo Bregaro partiu a todo o galope, estafando cavalos, os quais trocava pelo caminho. Não sonhava o humilde mensageiro que, com aquela cavalgada louca, estava entrando para a História e para a Glória...

O Príncipe começou a ler as mensagens da Princesa, do Ministro, os comunicados da Assembléia portuguêsa e a carta do pai. Todos estavam presos à fisionomia do Príncipe Regente, que, pouco a pouco, ia se alterando, até transformar-se numa expressão de incontida revolta...

Dirigindo-se ao Padre Belchior, que fazia parte da comitiva, D. Pedro disse...
Padre Belchior, êles o querem, terão sua conta. As Côrtes me perseguem, chamam-me de "rapazinho" e de "brasileiro"...

Pois verão o quanto vale o rapazinho! De hoje em diante, estão quebradas as nossas relações. Nada mais quero do Govêrno Português e proclamo o Brasil para sempre separado de Portugal!

Voltou-se, então, para os Dragões da Guarda de Honra...
Amigos, as Côrtes querem escravizar-nos e perseguem-nos! De hoje em diante, as nossas relações estão quebradas. Nenhum laço nos une mais!

E, arrancando do chapéu o laço azul e branco, símbolo de Portugal, falou...
Laços fora, soldados! Viva a independência, a liberdade e a separação do Brasil!

Desembainhou a espada, os soldados fizeram o mesmo, repetindo o juramento pronunciado por D. Pedro...
Pelo meu sangue, pela minha honra, pelo meu Deus, juro fazer a liberdade do Brasil!

Brasileiros, a nossa divisa, de hoje em diante, será... Independência ou Morte!

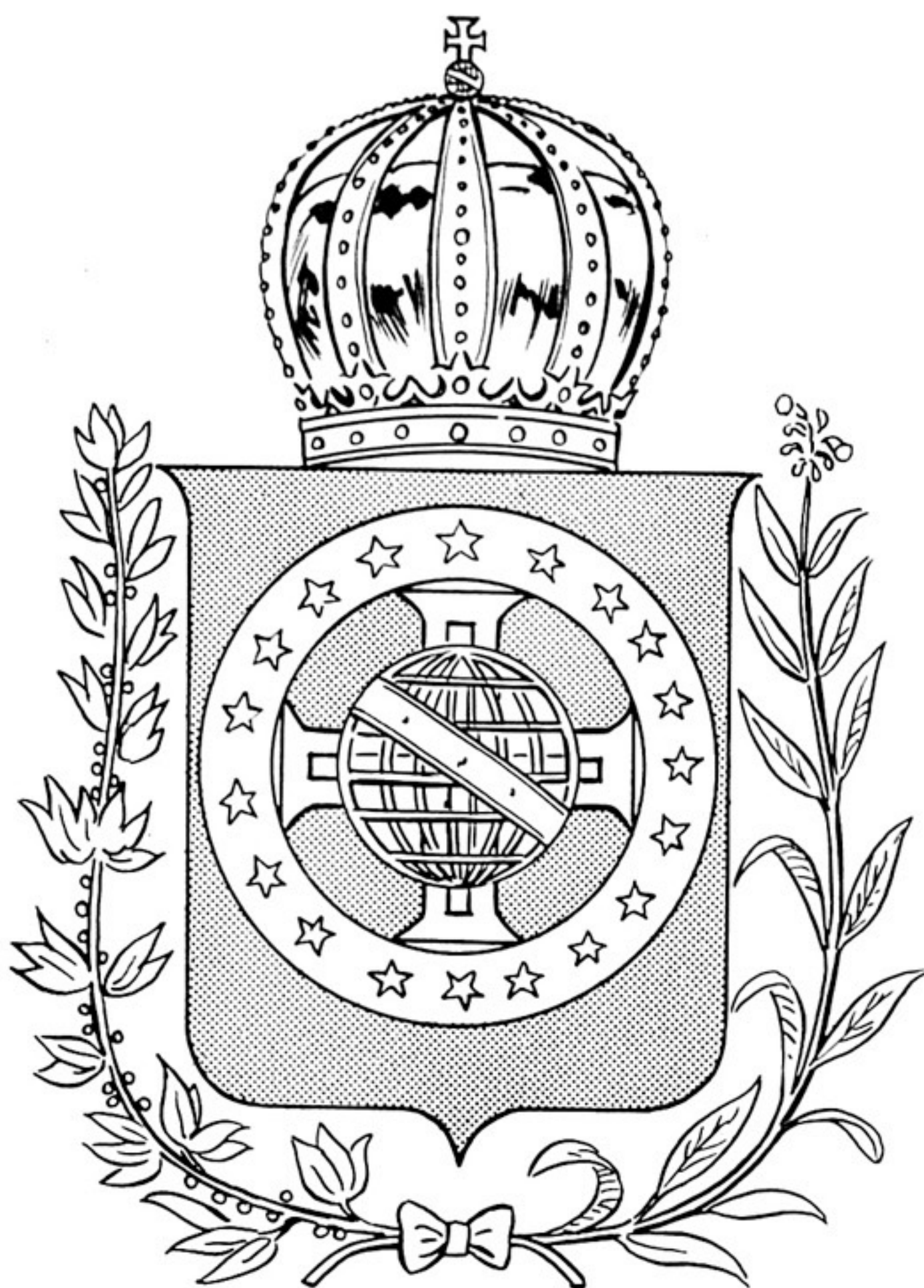
Em seguida, à frente da comitiva, galopou para São Paulo... A notícia correu logo por tôda a parte e o povo saiu para as ruas...

No arrebatamento da hora, D. Pedro sentiu-se inspirado e, no palácio paulista onde se hospedou, compôs o Hino da Independência, que, logo a seguir, êle mesmo tocou na espineta, para um auditório de damas e cavalheiros emocionados...

Já podeis da Pátria filhos
Ver contente a mãe gentil,
Já raiou a liberdade
No horizonte do Brasil...

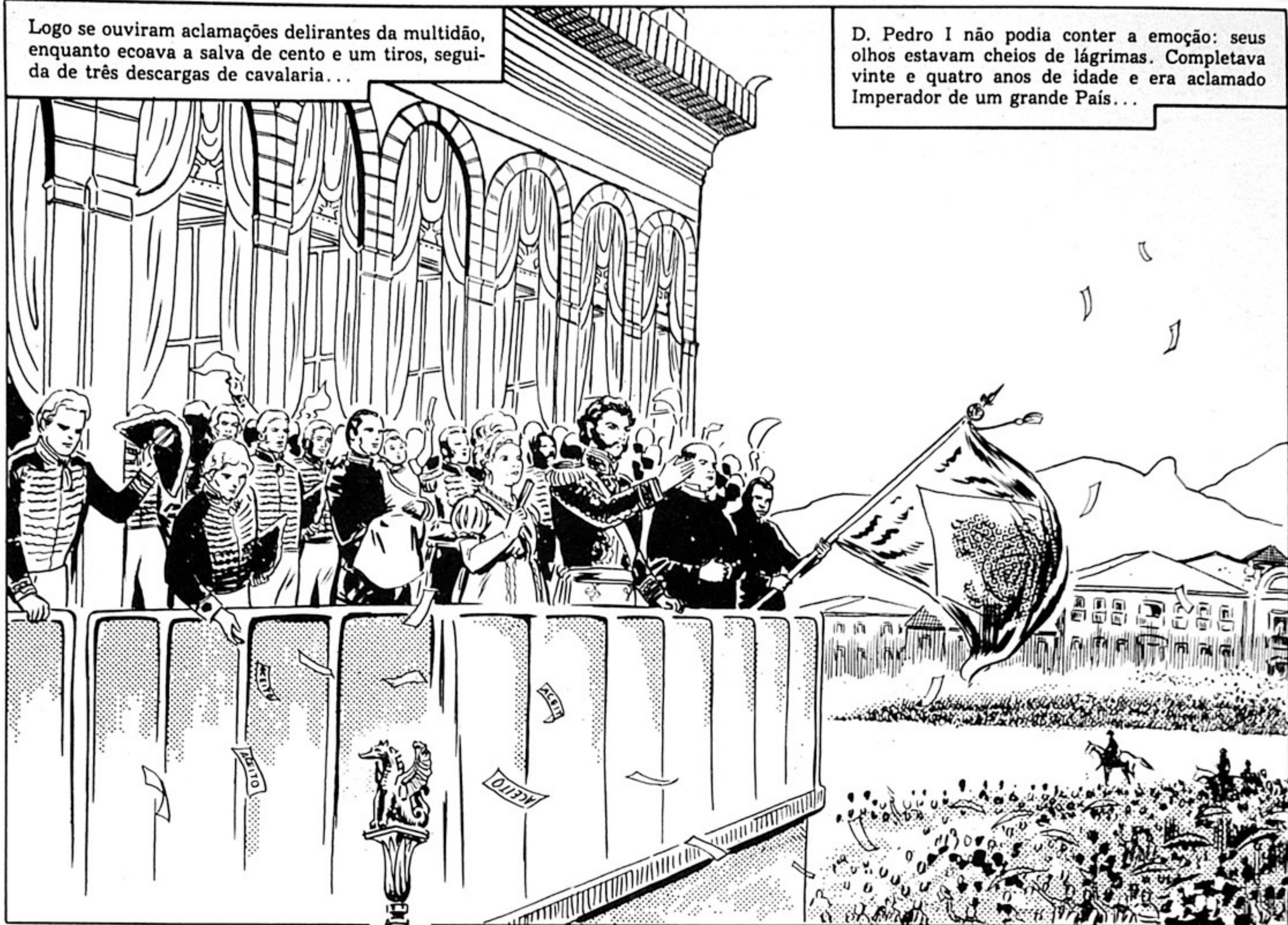
Às nove horas da noite, surgiu no camarote do Teatro, sendo aclamado, e cantou o Hino, cujo estribilho foi repetido pela platéia...

A 14 de setembro, chegava de volta ao Rio, recebido em delírio pela população. Logo instituiu as côres verde e amarela como símbolo nacional. E, imediatamente, os soldados, empregados públicos, o povo e todos os patriotas começaram a usar um laço verde e amarelo como distintivo.

No dia 18 de setembro, D. Pedro assinava decretos estabelecendo o escudo de armas e a Bandeira do Brasil Independente. As armas eram uma esfera armilar de ouro, atravessada por uma cruz da Ordem de Cristo. Rodeando a esfera, dezenove estrêlas de prata em uma orla azul, representando as Províncias. Sôbre o escudo, tendo nos lados dois ramos de café e fumo, ficava a coroa real.

A Bandeira era um paralelogramo verde, com um losango, tendo no centro o escudo de armas do Brasil.

O Imperador entrou no palacete, dirigindo-se à varanda, onde o receberam os ministros e altos dignitários. José Clemente Pereira fêz um discurso, depois do qual D. Pedro I respondeu...

A 12 de outubro, foi aclamado Imperador Constitucional do Brasil, com o título de D. Pedro I. Era dia de seu aniversário. A cerimônia realizou-se no Campo de Sant'Ana, em palacete especialmente construído no centro da praça para a solenidade. Chovia, mas o povo compareceu em massa para assistir. O nôvo Imperador chegou num cortejo aberto por uma guarda de honra de paulistas e fluminenses (como se chamavam os cariocas no passado). Oito soldados da mesma guarda vinham em seguida, além de três moços de estribeira — um índio, um mulato e um negro. Por fim, o côche puxado por oito cavalos, conduzindo o Imperador, a Imperatriz Leopoldina e a Princesinha Maria da Glória, de três anos de idade...

Logo se ouviram aclamações delirantes da multidão, enquanto ecoava a salva de cento e um tiros, seguida de três descargas de cavalaria...
D. Pedro I não podia conter a emoção: seus olhos estavam cheios de lágrimas. Completava vinte e quatro anos de idade e era aclamado Imperador de um grande País...
Depois da Aclamação, veio a Coroação, a 1 de dezembro, realizada com grande pompa na Capela Imperial.

Mas, com a coroação de D. Pedro I, não havia terminado ainda o grande drama da Independência do Brasil. As fôrças portuguêsas continuavam resistindo em algumas Províncias — no Pará, no Maranhão, na Cisplatina e, principalmente na Bahia. A Cisplatina viria a ser, depois, a República do Uruguai.

A luta no Recôncavo Baiano ganhava grandeza de epopéia. Dela emergiram vultos heróicos, como o de Maria Quitéria de Jesus...

Uma jovem do povo, simples, simpática e sem nenhuma instrução, viu-se tocada pelo patriotismo. Vestiu-se de homem, alistou-se no Batalhão de Periquitos e foi enfrentar os soldados do General Madeira...

Recordam-se vocês dos quatro barcos que levavam a fôrça expedicionária, comandados pelo General francês Labatut? Foram êles perseguidos por navios de guerra do General Madeira, mas, mesmo assim, conseguiram alcançar Alagoas. Ali, os soldados brasileiros desembarcaram, marchando para a Bahia. Labatut organizou as fôrças patriotas baianas reunidas no Recôncavo, entre elas o Batalhão dos Periquitos, onde se achava Maria Quitéria.

Os patriotas lutaram denodadamente contra os comandados pelo General Madeira, defendendo principalmente a ilha de Itaparica...

Êles não tomarão a ilha, que é a chave do Recôncavo!

Houve também combates navais. Um dos heróis dessas batalhas foi o Tenente João Botas, que, com apenas uma canhoneira, sustentou fogo durante três horas contra onze navios de guerra portuguêses. Finalmente, ao ver que não era possível tomar Itaparica, o General Madeira ordenou que suas tropas investissem contra o interior do Recôncavo Baiano, para cortar o abastecimento de víveres e homens aos batalhões brasileiros. Na ilha de Itaparica, os patriotas vibraram...

Os patriotas já haviam se entrincheirado em Pirajá, próximo apenas duas léguas da capital da Bahia. O General Madeira de Melo ficou desolado...

Mesmo com os reforços recebidos de Portugal, Madeira não conseguia romper a resistência baiana, que aumentou ainda mais depois da proclamação da Independência. Era necessária expulsar definitivamente os soldados portuguêses do Brasil. Para tal fim, D. Pedro I armou uma esquadra...

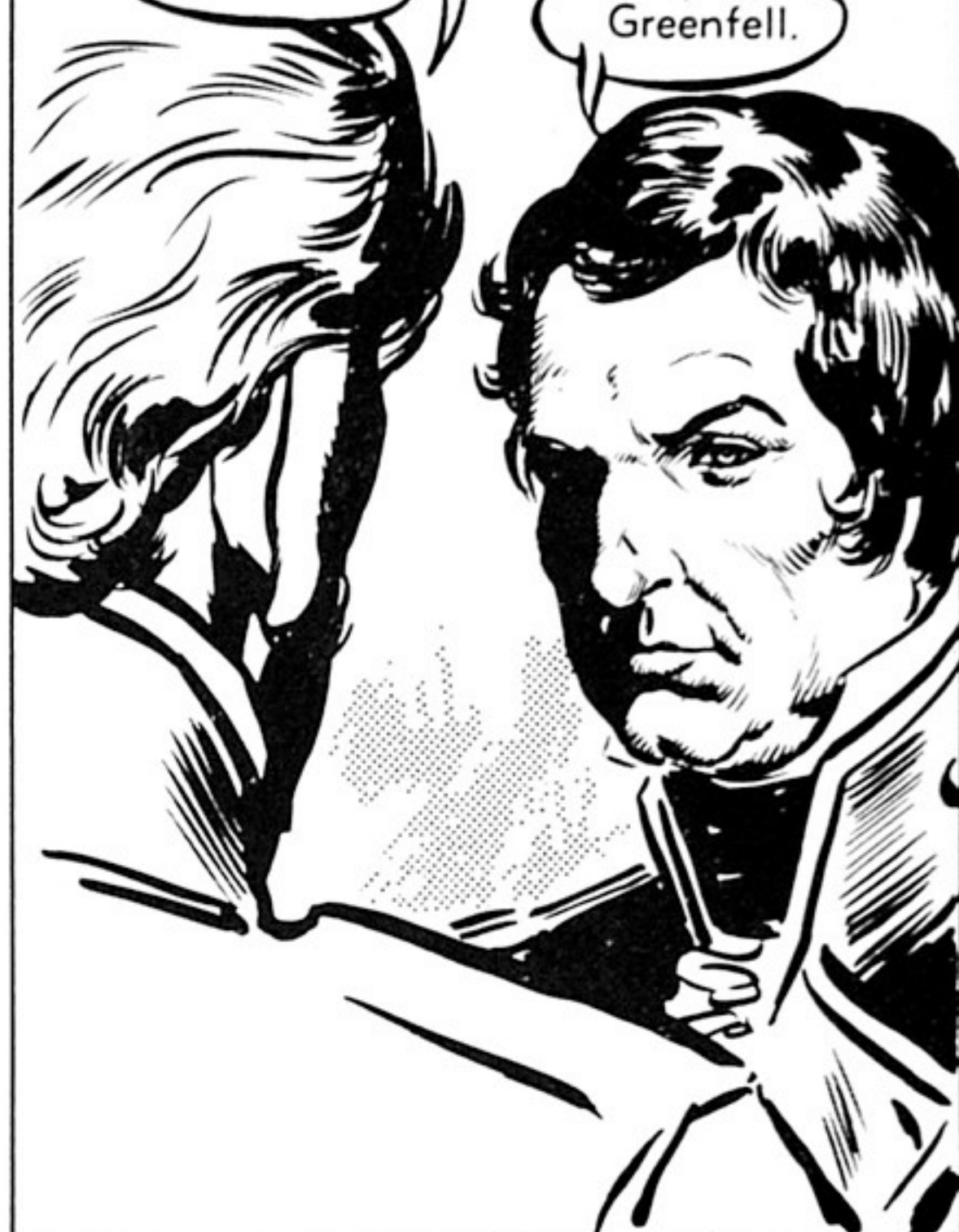
A esquadra brasileira era composta de nove navios, tendo todos êles nomes expressivos — *D. Pedro, Ipiranga, Maria da Glória* (em homenagem à filhinha do Imperador), *Liberal, Real Pedro, Guarani, Niterói* e mais dois outros. Nos últimos dias de abril de 1823, Lorde Cochrane alcançou a Bahia e bloqueou a esquadra lusitana. . .

Os navios portuguêses não aceitaram a luta e se refugiaram no pôrto da Bahia. Sitiado pelo mar, o General Madeira de Melo procurou reagir na cidade, mas seus soldados estavam moralmente arrasados. . .

Ante a revolta de suas próprias tropas, o General Madeira ordenou finalmente. . .

No meio das tropas, desfilava garbosamente um jovem soldado que logo foi reconhecido pela multidão...

Viva Maria Quitéria!

Libertada a Bahia, Lorde Cochrane seguiu com sua esquadra para o Maranhão, onde a luta ainda continuava. Chegou a São Luís no dia 26 de julho — e, a 1 de agôsto, os maranhenses tiveram a mesma alegria de ver os soldados portuguêses partindo...

E, realmente, foi necessário apenas um navio com tropas nacionais para expulsar de Belém os últimos soldados portuguêses em solo brasileiro...

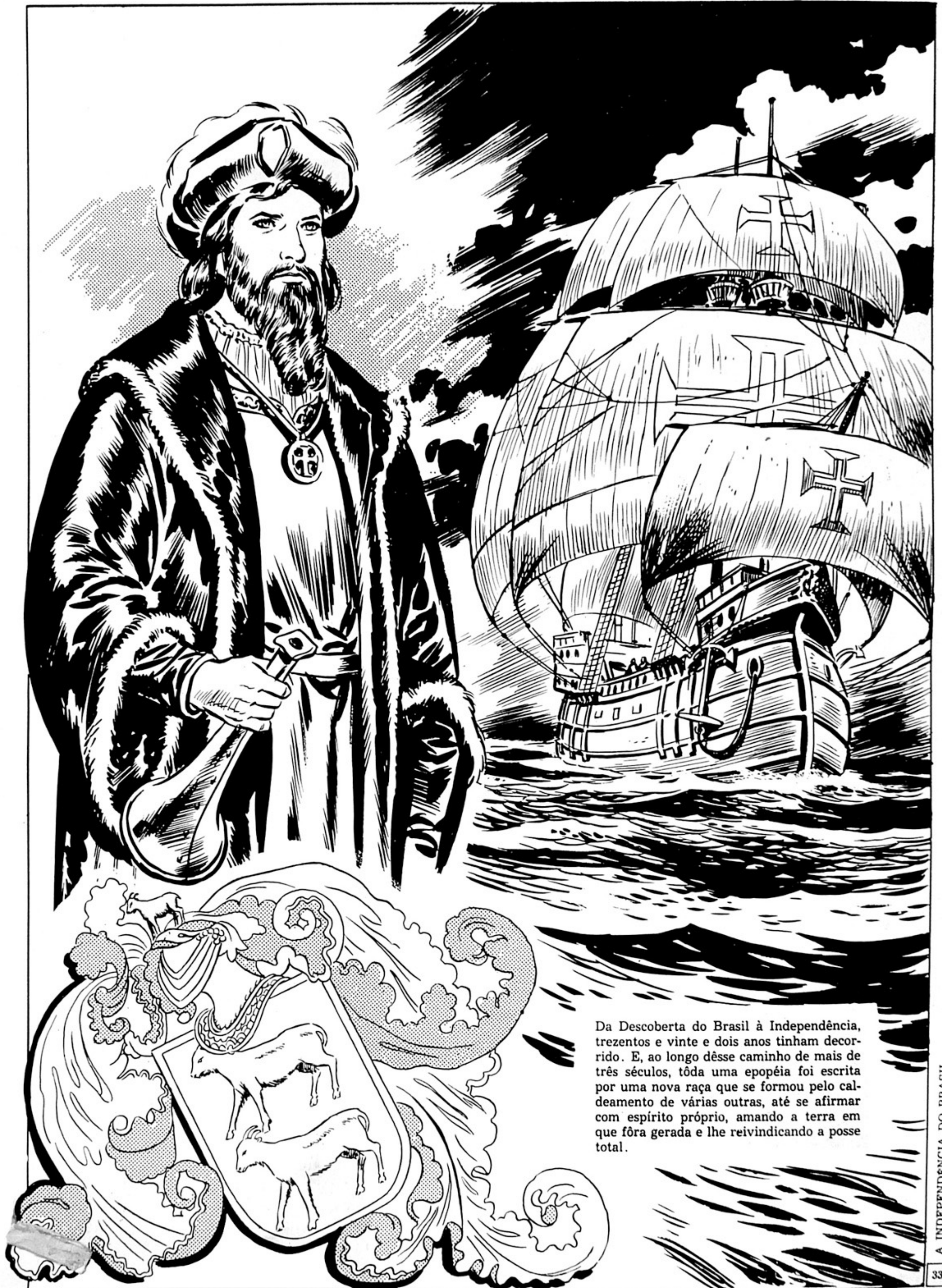
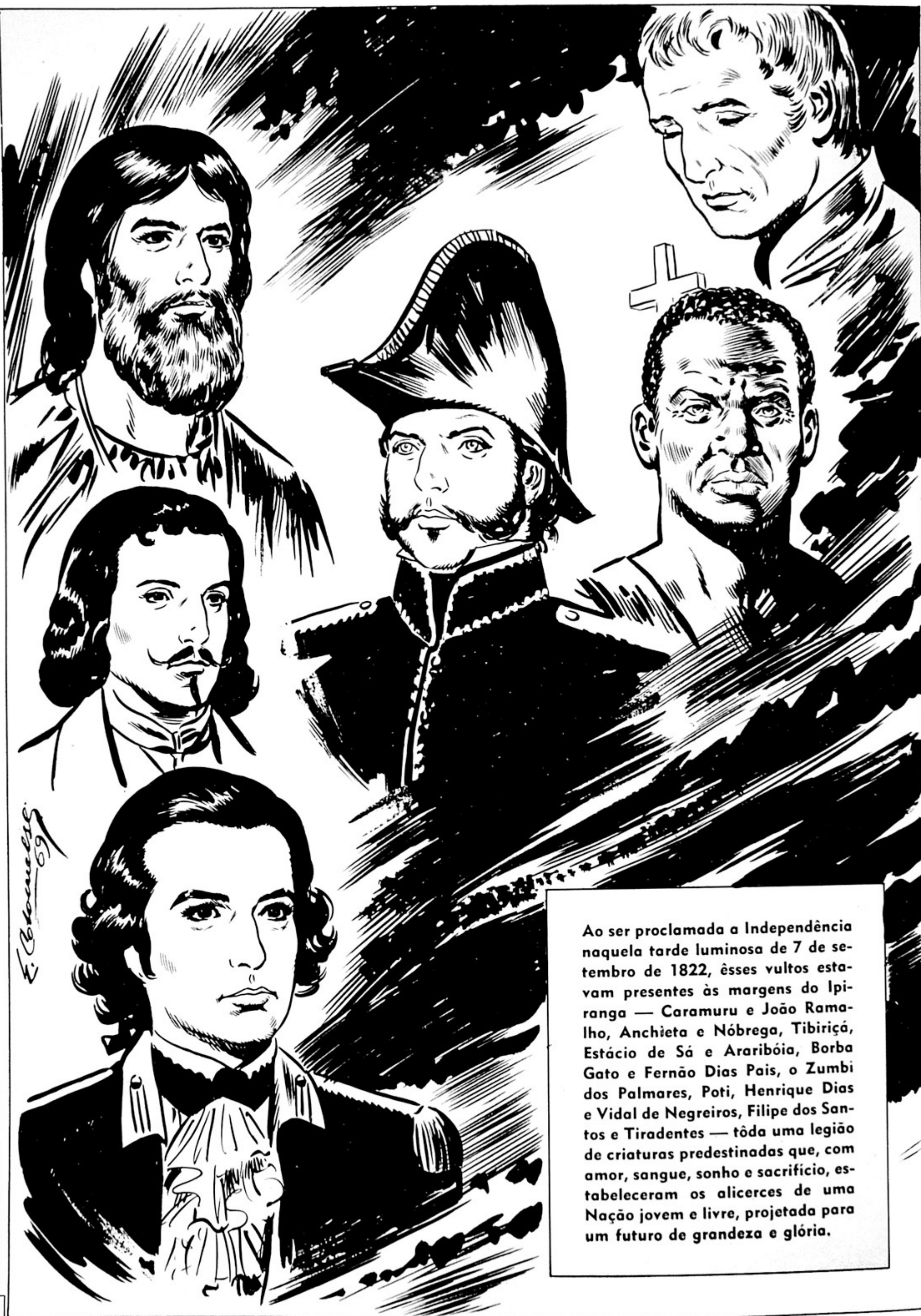
Em agôsto de 1823, no Palácio Imperial, D. Pedro I recebeu Maria Quitéria, que lhe foi levar pessoalmente uma notícia...

Majestade, vim vos dizer que não há mais nenhum soldado português em território baiano!

Maria Quitéria de Jesus, representais o patriotismo e a bravura da mulher brasileira!

Em seguida, condecorou-a com a mais alta distinção do nôvo Império.

Pelos vossos feitos de heroísmo, eu vos condecoro com a Insígnia Imperial da Ordem do Cruzeiro!

A Independência do Brasil estava consolidada. Mas levou ainda algum tempo para que a nova Nação livre fôsse reconhecida pelos outros países do mundo. O primeiro Estado europeu a reconhecer o Império Brasileiro foi o Vaticano, pela palavra do Sumo Pontífice Leão XII.

Da Descoberta do Brasil à Independência, trezentos e vinte e dois anos tinham decorrido. E, ao longo dêsse caminho de mais de três séculos, tôda uma epopéia foi escrita por uma nova raça que se formou pelo caldeamento de várias outras, até se afirmar com espírito próprio, amando a terra em que fôra gerada e lhe reivindicando a posse total.

Ao ser proclamada a Independência naquela tarde luminosa de 7 de setembro de 1822, êsses vultos estavam presentes às margens do Ipiranga — Caramuru e João Ramalho, Anchieta e Nóbrega, Tibiriçá, Estácio de Sá e Araribóia, Borba Gato e Fernão Dias Pais, o Zumbi dos Palmares, Poti, Henrique Dias e Vidal de Negreiros, Filipe dos Santos e Tiradentes — tôda uma legião de criaturas predestinadas que, com amor, sangue, sonho e sacrifício, estabeleceram os alicerces de uma Nação jovem e livre, projetada para um futuro de grandeza e glória.

Pavilhão Nacional — criado por decreto do Marechal Deodoro da Fonseca, no dia 19 de novembro de 1889.

HINO DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL

Letra de
EVARISTO FERREIRA da VEIGA
(1799 - 1837)

Música de D. PEDRO I
(1798 - 1834)

Já podeis, da Pátria filhos,
Ver contente a mãe gentil;
Já raiou a liberdade
No horizonte do Brasil. } bis

Estribilho

Brava gente brasileira!
Longe vá, temor servil:
Ou ficar a Pátria livre
Ou morrer pelo Brasil } bis

Mal soou na serra ao longe
Nosso grito varonil,
Nos imensos ombros logo
A cabeça do Brasil } bis

Estribilho

Brava gente brasileira!
Etc.

Os grilhões que nos forjava
Da perfídia astuta ardil . . .
Houve mão mais poderosa:
Zombou dêles o Brasil. } bis

Estribilho

Brava gente brasileira!
Etc.

O Real Herdeiro Augusto
Conhecendo o engano vil,
Em despeito dos tiranos
Quis ficar no seu Brasil } bis

Estribilho

Brava gente brasileira!
Etc.

Não temais ímpias falanges
Que apresentam face hostil:
Vossos peitos, vossos braços
São muralhas do Brasil. } bis

Estribilho

Brava gente brasileira!
Etc.

Revoavam tristes sombras
Da cruel guerra civil,
Mas fugiram apressados
Vendo o anjo do Brasil } bis

Estribilho

Brava gente brasileira!
Etc.

Parabéns, ó brasileiros!
Já, com garbo juvenil,
Do universo entre as nações
Resplandece a do Brasil. } bis

Estribilho

Brava gente brasileira!
Etc.